

# O Estrangeiro em Castro Soromenho

Escrito por [Jurema José](#)

**Jurema José de Oliveira**

**Viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de ser um outro. Não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de estar em seu lugar - o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo<sup>3</sup>. .**

Viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de ser um outro. Não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de estar em seu lugar o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo<sup>3</sup>.

O romance em questão foi escrito em 1949 por Castro Soromenho, autor de Noite de angústia (1939), Homens sem caminho (1942), Viragem (1975), Histórias de Terra Negra (1960) e Chaga (1970), ed. póstuma.

O objectivo deste trabalho será detectar o lugar dos 'miúdos', filhos de mães negras e pais brancos, no romance Terra Morta (1949).

A produção literária de Soromenho ocupa lugar de destaque no cenário documental angolano, no que diz respeito à problemática colonial.

O 'romance poético' caracteriza a primeira fase literária desse escritor. Segundo Mourão em A sociedade angolana através da literatura, os textos de Soromenho, resultantes da convivência e aprendizagem no sertão angolano, a Lunda, constrói-se num tecido narrativo «poético pelo amor e simpatia com que vê o negro ao seu redor»<sup>4</sup>.

O olhar 'simpático' acerca do negro vai, pouco a pouco, transformando-se numa visão épica. Envolvido pela história, pelos usos e costumes, Soromenho desvenda um mundo, até então, 'estranho' para os colonialistas.

Natural de Moçambique, filho de pai português e mãe caboverdiana, Soromenho teve a oportunidade de vivenciar a trajetória dos Homens sem caminho. Num resgate-denúncia, as narrativas da segunda fase desse autor recuperam, no espaço ficcional, a desfigurada Camaxilo.

A descaracterização humana, o esfacelamento da estrutura grupal, geraram a ruptura das atividades ritualísticas, base da existência africana. Sendo assim, o desequilíbrio entre o homem e os deuses propiciou o surgimento dos desterrados em sua própria terra.

Terra Morta ambienta-se num espaço cindido, dividido entre «a povoação-de-cima, o bairro oficial», (T.M.p.35) e a «povoação-de-baixo, o bairro comercial de Camaxilo»(T.M. p.34). A vida ocorre na região de baixo, já que: Na povoação comercial, a vida começava ao nascer do Sol, nas hortas dos colonos,

muito verdes na terra negra da beira-rio. Francisco Bernardo, com o chapelão de palha a ocultar-lhe a cara tisonada por sessenta anos de sol africano, uma cinta negra com muitas voltas a engrossar-lhe o ventre, estava encostado ao seu inseparável cajado, orientando o trabalho de cava, como aprendera a fazer na terra natal, sem deixar amolengarem-se as suas negras e os filhos mulatos.(T.M.p.35) .

O tempo narrativo compreende, historicamente, aquele que sucede à crise da borracha no mercado internacional, motivo da ruína dos colonos assentados na terra. A situação agravou-se nas gestões do Alto Comissário Norton de Matos, idealizador do plano «da Grande Angola Branca»(T.M.p.21), no período de 1912-1915 e 1921-1924.

A ocupação militar do interior , Camaxilo, foi implementada pelo poder econômico da Companhia de Diamantes de Angola (Diamang) que explorava «diamantes, comércio e negros»(T.M.p.97). «A terra estava morta» (T.M. p.48), mas :

Foi nessa época que se construíram as primeiras casas da povoação alta. Numa, instalou-se o Comando Militar, e nas outras as praças européias e africanas. E pela primeira vez os negros da terra ouviram tocar a sentido, quando a bandeira do ocupador subia onde o tenente plantou a mangueira, a cuja sombra os brancos de hoje se reúnem à tarde, depois de fechadas as portas da Administração. E começou a ocupação militar da região. (T.M.p.48). .

Na disparidade 'civilizatória' encontra-se o 'estrangeiro'. Em Terra Morta, o primeiro perfil 'estranho' delineado pelo narrador, é o de Joaquim Américo. Desta forma, o trecho transcrito abaixo representa o abismo aberto pela História: Dizia-se que a polícia fascista andava a matar os estrangeiros que tinham pegado em armas <>. Foram os camaradas que lhe lembraram que era estrangeiro, porque ele, menino, nem pensava que o fosse, que sua pátria não era aquela terra onde aprendera a falar e a viver, mas outra, desconhecida, que ficava noutra continente, a que nenhum laço o prendia, de onde seus pais tiveram de sair à procura de pão. Seu nome estava fichado na polícia e a sua origem de estrangeiro enchia de raiva os policia fascistas. (T.M..p. 27-8). .

A narrativa resgata, ficcionalmente, o grito preso no fundo da garganta daquele que se apresenta como um ser destoante, isto é, «nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo»<sup>5</sup>. O personagem, Joaquim Américo, cresceu sendo a face oculta de uma pluralidade construída na estranheza, instalada entre a 'Pátria madrastra' e o país distante que o acolheu. Menino de colo, levaram-no de uma aldeia minhota para a terra brasileira. Cresceu numa fazenda de café, no planalto paulista, onde o pai fora trabalhador e acabara em capataz. A mãe morrera-lhe pouco tempo depois de chegarem à fazenda. (...). Deixou a fazenda sem saudades do pai, de quem só se lembrava por causa das surras que lhe dera e dos maus tratos com que lhe martirizara a sua mãe. (T.M.. pp.25-6) .

Com os «caminhos trancados»(T.M.p.28) partiu «rumo à África» (T.M.p.28), instalando-se numa Camaxilo morta. Neste novo contexto de 'estrangeirados', Joaquim Américo será um observador, um admirador daqueles que outrora tinham vínculo com uma 'terra-mãe'. O destino dos negros tinha mudado. O branco passou a ser o dono da terra. Os comerciantes (...) andavam (...), como se tivessem ali nascido e os negros fossem os estrangeiros. (...). Eles eram os donos de tudo. Um soba antigo valia, agora, tanto como um dos seus escravos. (T.M.p.59) .

Desprovido do autoritarismo dos demais aspirantes, Joaquim Américo, o personagem que imprime veracidade à narrativa, silenciosamente, abraçou a causa dos 'gentios' e «era considerado mau funcionário, sem pulso para os negros. O administrador Antunes, (...), admoestou-o várias vezes:<< isto

não é o Brasil, senhor aspirante, aqui o negro é negro, só negro, nada mais! Gente mole não serve para esta vida>>»(T.M.p.31)

O tecido narrativo deixa transparecer, sucessivamente, que o personagem-solitário, Joaquim Américo, está sendo embalado pelo «canto fúnebre» (T.M.p.61) dos negros da devastada Camaxilo. Desta forma, o narrador recupera as lembranças do personagem que «quando se encontrava só e desocupado, o seu espírito volvia-se obstinadamente para o Brasil, de onde viera por ter entrado na revolução de São Paulo contra a Ditadura»(T.M. p.25). O país de infância, da era de 'miúdo', será para sempre a sua pátria.

O discurso que norteia a vida dos miúdos em Terra Morta, gerou ao longo dos anos, segundo Memmi, uma «mutilação social e histórica» na vida daqueles que são uma conseqüência da unificação do projeto de além-mar. Na passagem registrada a seguir, verificaremos o impasse vivido pelos miúdos: És de má raça! Sangue de negro! gritou para o filho, que se pusera ao largo a olhar para longe, como se alguma coisa o interessasse para as bandas da planície. É seu sangue retrucou-lhe a companheira, pondo as mãos nas ancas. Igualinho mêmo. Você é que fez ele. (T.M. p. 72) .

Por outro lado, essas crianças apresentam traços europeus que as distinguem parcialmente das mães.

Terra Morta retrata, exemplarmente, a impossibilidade, a falta de lugar dos mestiços de Camaxilo. O narrador recupera, no diálogo dos colonos Anacleto e Francisco Bernardo, o destino daqueles que já nasceram descaracterizados. E os filhos compadre? O que é que a gente lhes vai deixar? Que se amanhem! Foi o que eu fiz. Eu também comecei cedo, lá na terra. E aos dezoitos já andava por cá. Os filhos é que é o diabo. Se não fossem as raparigas... Que os rapazes sempre se arranjam. (T.M. p.54) .

Desta forma, a desumanização desenvolve uma despersonalização, que impede o mestiço de ter sua inscrição no mundo. Segundo Memmi, este só teria «direito ao afogamento no coletivo anônimo»<sup>7</sup>, já que as diferenças intrínsecas de cada um se perdem numa pluralidade nula, a qual transforma o grupo em «mercadores errantes»(T.M. p.45) na degradada Camaxilo. Esse novo grupo, os mestiços, representam a possibilidade de um novo tempo. As gerações miscigenadas apresentam traços de semelhança e diferença em relação aos seus ancestrais, visto que procedem da união advinda do fato colonial.

Soromenho, num discurso mimético, resgata em Terra Morta a saga daquele que simboliza, segundo Kristeva, o 'estrangeiro' com uma identidade opaca, nebulosa, ainda por descobrir-se. «De dentro das casas chegavam-lhes palavras soltas e gargalhadas das filhas mulatas»(T.M.p.52).

A obra em questão desvenda, numa linguagem contestatária, um universo contraditório, desprovido da «hominização» necessária para a humanização dos 'estrangeirados'. Conforme afirma Freire em A pedagogia do oprimido, «a hominização não é adaptação: o homem não se naturaliza, humaniza o mundo. A hominização não é só processo biológico, mas também história»<sup>8</sup>.

Nas falas entrecortadas por um narrador onisciente, detecta-se a dimensão do conflito dos Homens sem caminho. Os mestiços, filhos dos antigos comerciantes, ou de funcionários da administração, se apresentam sem perspectivas e duplamente marginalizados «ante os brancos da administração e em relação ao negro»<sup>9</sup>. Os mulatos são para os colonos 'raça ruim' por estarem, geneticamente, ligados às mães negras, que simbolizam uma terra violentada pelo 'projeto civilizatório'. o comerciante voltou a pedir ao << amigo Sampaio>> que abrisse bem os olhos e não recolhesse a casa muito tarde, porque essa <> não era de confiança. Isto de mulatos, senhor Sampaio, é raça ruim que puxa para o negro. (T.M.. p.170) .

O olhar narrativo se desloca num movimento sempre inverso, isto é, 'da povoação-de-cima' para a 'povoação-de-baixo', separadas por um rio. Este enfoque narrativo abre, historicamente, espaço para uma leitura reflexiva acerca do lugar do mestiço na arrasada Camaxilo. Do alto da encosta, via-se o rio serpear no fundo do vale, formando garganta em frente do largo da Administração e, mais abaixo, sob uma ponte. Para lá do rio, numa encosta suave que, longe, ganhava chão de planície, enxergavam-se as casas dos comerciantes, rodeadas de árvores de fruto. Era a povoação-de-baixo, o bairro comercial de Camaxilo (T.M.p.34).

O mulato fixou-se no mundo de baixo, rodeado de «árvores de fruto»(T.M.p.34), enquanto que, no «bairro oficial», o único sinal de vida era o jardim de D.Jovita, esposa do Administrador.

Os miúdos aparecem na narrativa como o possível fio condutor da nova História, que será extraída da seiva ancestral angolana em consonância com os valores positivos da cultura branca.

Na tessitura do narrado, detectamos uma voz 'hominizada', construída entre o «cantar baixinho, (...), que vinha dos longes»(T.M.p.45) e as «histórias antigas» (T.M.p.61) contadas pelos velhos nos rituais noturnos. O som humanizador era do chefe do posto de Lubalo, Alberto Sobral.

Numa passagem bastante significativa, resgatamos uma fala restauradora da maka(história verdadeira) no tempo narrativo: «(...). Tenho muito que fazer e a patroa anda adoentada. O miúdo pinta a manta com ela quando me vê pelas costas. Está um rapagão!»(T.M.p.97)

O caminho, ou melhor, o ponto de partida para a 'hominização' dos miúdos em Terra Morta, a escola, «durou pouco tempo»(T.M.p. 36). O professor era o Secretário Jaime Silva» que resolve, generosamente, «ensiná-los de graça»(T.M.p.36) por um curto tempo. «Inesperadamente, uma tarde ninguém apareceu. O secretário (...) queixou-se aos colegas de que os mulatos não estudavam nada e que por muito boa vontade que ele tivesse não lhes podia meter o ABC e a tabuada na cabeça».(T.M.p.36)

O sonho humanístico de D. Jovita, esposa do administrador, se desfez. «Era como se o Silva lhe tivesse roubado uma certeza...»(T.M.p.118).

A brutalidade da vida em Camaxilo encontraria na 'certeza' de D.Jovita seu possível aniquilamento e a redução das «mãos estendidas e trêmulas dos esfarrapados do mundo, dos Condenados da terra» 10.

Os símbolos do poder colonialista vão se desfazendo, pouco a pouco, na narrativa de Terra Morta. No capítulo doze, a imagem de um leão em Huamba desloca «os funcionários de Camaxilo e o Tenente que comandava a Companhia Indígena de Infantaria de Caungula» (T.M.p.177) na caça ao suposto animal enfeitado.

Em Terra morta, Soromenho desvenda os mistérios da cultura tradicional e as vicissitudes da sociedade miscigenada. Huamba se apresenta como uma armadilha, um símbolo do «cemitério das camionetas»(T.M. p. 177) que assusta até os caçadores: O secretário mandou chamar os caçadores das aldeias ao redor da vila e tentou contratar um deles para o cantão. Mas, (...) eles disseram que não iam, porque o Huamba ficava muito longe e tinham medo daquele leão que tinha <>. (T.M.p.178) .

Na Lundu, 'terra da amizade', o «equilíbrio entre o homem e o universo das forças vitais» 11, segundo Mourão, rompeu-se, causando uma anomalia social.

O estagnado espaço social que acolhia e repelia, sucessivamente, o 'estrangeirado', pediu socorro quando estava ameaçado por «um leão <>(T.M.p.183). A voz restauradora da 'ordem' veio do grupo dos renegados que «só não era negro na pele»(T.M. p.179). «De fuzil ao ombro, o mulato atravessou o largo e meteu à estrada da povoação comercial. O sipaio e os capitais que estavam na varanda seguiram-no com olhares trocistas e, quando ele se afastou, largaram a rir. Mulato ficou selvagem ... disse o sipaio»(T.M. p.180).

Segundo Kristeva «esse rosto tão outro traz a marca de um limite transposto que se imprime, de modo irremediável, numa calma ou numa inquietação»<sup>12</sup>. Desta forma, o mulato Luís Bernardo, na sua 'inquietação', clama pelo seu lugar, pela sua 'hominização'.

A terra daqueles que existem sob ela foi violentada pelo 'colonus' que, segundo Alfredo Bosi<sup>13</sup>, representa aquele que ocupa uma propriedade alheia. Essa apropriação gerou, em Camaxilo, um grupo perdido no caminho. Numa explosão de ódio, João Calado, mulato e ex-presidiário, surge na narrativa para imobilizar, definitivamente, o poder do 'inquilinus' em Camaxilo.

Voltou para junto do sipaio, mas nem olhou para ele, meteu a faca no cinto, debruçou-se sobre a fogueira e começou a atirar, precipitadamente, com as brasas para cima do telhado de Colmo. E, sem esperar que o fogo rompesse, deitou a mão à arma do sipaio e correu para o matagal. (T.M.. p.233) .

Cabe ressaltar que Terra Morta não efetiva, concretamente, no tempo narrativo, o movimento-mudança da história que se quer nova, mas explicita a descaracterização de negros, mestiços e brancos no solo morto de Camaxilo, bem como a tensão instaurada pelo aniquilamento físico, social e econômico da comunidade lundense, pela prática colonialista que se quer morta em prol da reorganização nacional.

#### BIBLIOGRAFIA: .

- 1- ABREU, Antero. Poesia intermitente. Lisboa: Edições 70, 1987. .
- 2- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. .
- 3-DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977. .
- 4-FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. 22 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1993. .
- 5-- KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Tradução de: Etrangers à nous mêmes. .
- 6- MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1989. Tradução de: Portrait du colonisé précédé du portrait du colonisateur. .
- 7- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. A sociedade angolana através da literatura. São Paulo: Ática, 1978. ( coleção Ensaios 38) .
- 8- OLIVEIRA, Jurema José de. «Como a narrativa africana tece o presente recuperando o passado». In: Revista Tempo Brasileiro, jan-mar. no 124, 1996, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. .
- 9- SOROMENHO, Fernando Monteiro de Castro. Terra Morta. 3 ed., Rio Tinto: Edições ASA, 1988. .

Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional da ANPOLL Associação Nacional de Pós: Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, em João Pessoa / Paraíba, 1996. .

2 OLIVEIRA, Jurema José de. Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, Professra de Literatura Africana de Língua Portuguesa , e doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense: UFF. Professora Titular de Literatura Portuguesa e Língua Portuguesa da FEUDUC e Professora de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá.

3 KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. p.21. .

4 MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. A sociedade angolana através da literatura. p.49. .

? O conceito de desterro utilizado aqui foi pensado inicialmente por Gilles Deleuze & Félix Guattari em Por uma literatura menor. (1977). .

5 KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. p. 9. .

6 MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador. p. 90. .

7Idem, ibidem, ibidem, p. 81. .

8 FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. p.14. .

9 MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. A sociedade angolana através da literatura. p.94. .

10 FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. p.31. .

11 MOURÃO, Fernando Albuquerque. A sociedade africana através da literatura. p.55. .

12 KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. p.11. .

13 BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. p.11.